

Flor-da-palavra: imagens da infância na narrativa de Clarice Lispector

Profa. Dra. Mona Lisa Bezerra Teixeiraⁱ (pela USP)

Resumo:

Na escrita de Clarice Lispector a relação entre os objetos e os personagens está ligada à experiência. Existe uma primazia da percepção através da originalidade, que, enraizada na infância, ocasiona um prolongamento das sensações. E nessa atmosfera de traços reflexivos/especulativos vai sendo exposto o mal-estar que existe nas diversas esferas de relacionamentos sociais, e, principalmente, no ser humano solitário em busca do entendimento acerca de sua existência.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Infância e literatura, Literatura Brasileira Moderna

Para Benedito Nunes, **Perto do coração selvagem** resulta em uma expressividade monocêntrica. Esse modo de expor os acontecimentos se baseia em um centro privilegiado que o próprio narrador ocupa. Em suma, a posição do narrador se confunde ou tende a fundir-se, nessa forma, com a posição da personagem. E aponta as principais características do romance: o aprofundamento introspectivo, a alternância temporal dos episódios e o caráter incabado da narrativa. E na base dessa realização artística está a personagem Joana, que “continuava lentamente a viver o fio da infância”. Essa frase é dita no capítulo “O dia de Joana”, que a apresenta casada e numa longa reflexão sobre a existência e a infinitude da imaginação.

Se na primeira parte do romance é enfatizada a infância de Joana encadeada com sua vida do presente, na segunda vamos ter os conflitos que envolvem o triângulo amoroso entre ela, Otávio e Lídia. O conflito evidencia a insatisfação e o questionamento da personagem, que vão se tornando mais intensos à medida que se aproxima o final da narrativa. No último capítulo “A viagem”, Joana vai ao encontro de sua infância e de sua morte. Essas duas imagens se unem, reforçando a inquietação da liberdade e a promessa de uma vida plena.

Dentro de si sentiu de novo acumular-se o tempo vivido. A sensação era flutuante como a lembrança de uma casa que se morou. Não da casa propriamente, mas da posição da casa dentro de si, em relação ao pai batendo na máquina, em relação ao quintal do vizinho e ao sol de tardinha [...] Assim antes da morte ligar-se-ia à infância, pela nudez. Humilhar-se afinal. Como pisar-me bastante, como abrir-me para o mundo e para a morte? (LISPECTOR, 1998, p. 196)

O romance se encerra num estado de súplica que reforça a permanência da infância na maneira de agir da personagem. O retorno freqüente aos anos iniciais de sua vida, agora se apresenta também ao final, reforçando a sensação de desamparo de se estar num mundo falível. A altivez de Joana possui um aspecto infantil, porque não se dá conta da sua incapacidade diante de um sistema de regras que envolvem a dinâmica social, e, dessa forma, impedem a possibilidade de uma vida autêntica.

Como observa Nunes, Joana:

Continua, pois, nessa viagem, que deixa a narrativa suspensa à possibilidade de uma busca que recomeça, a errância da personagem. O inacabamento da narrativa reduplica a existência inacabada da protagonista. (NUNES, 1995, p. 24)

E continuando sua análise aponta para a infância que se faz presente também em **O lustre**. Este romance se inicia com um pacto mútuo entre dois irmãos, ainda meninos, Virgínia e Daniel. Eles presenciam a morte de um afogado boiando num rio e silenciam para todos sobre o que viram, fortalecendo assim um pacto sinistro de dependência afetiva baseada num vínculo de domínio e servidão.

Para o crítico há fatores que aproximam os dois romances, com relação a aspectos da infância de suas protagonistas. Joana e Virgínia buscam, em momentos de desamparo e fracasso, o tempo perdido da infância e se deparam com a morte. No caso de Joana, descobrindo sua condição limitada. No de Virgínia, fulminada pela fatalidade. E nessa trajetória que lhes é comum cabem dois itinerários simétricos: em **Perto do coração selvagem**, o da viagem final de Joana, sem rumo certo, quando o romance se encerra e a narrativa fica em suspenso. Já em **O lustre**, o percurso de ida e volta da personagem, entre o campo e a cidade, onde a viagem de Virgínia acaba abruptamente fechando a narrativa.

Benedito Nunes continua ainda afirmando que em **Perto do coração selvagem** a infância lembrada pela mulher adulta integra-se no final à sua experiência da morte. Na composição de **O Lustre**, a infância, integrada a um desenvolvimento biográfico linear, que vai desde os primeiros anos de vida até a idade adulta, está ligada, desde o começo, à vivência da morte.

Nas duas obras a vida em sua absurdez e sublimidade vai sendo matizada na escrita de Clarice. E na corda bamba da insegurança de se estar no mundo, os personagens são obrigados a andar. O último capítulo de **Perto do coração selvagem** deixa em aberto a trajetória de Joana, que vai seguindo entre o medo e a expectativa de uma nova vida, mas sem ilusões.

Como nos lembra Adorno em “Regressões”:

Ser capaz de medo e de felicidade é o mesmo: a abertura para a experiência ilimitada e estendida até o sacrifício de si, na qual quem está em vias de sucumbir se reencontra. Que felicidade seria aquela que não se medisse na incomensurável tristeza do ser? Pois o curso do mundo é perturbado. Quem se adapta cuidadosamente a ele torna-se assim partícipe da insânia, enquanto só o excêntrico se manteria inteiro e poria freio na loucura. Só a ele seria dada a lembrança da aparência da desgraça, da “irrealidade do desespero”, e o dar-se conta não só de que ainda vive, mas de que ainda há vida. (ADORNO, 2008, p. 196)

A infância de Virgínia descrita em **O lustre** possui um caráter sombrio. Os primeiros anos de vida em Granja Quieta Alto revelam uma menina solitária, criada em um ambiente hostil, onde falta carinho dos pais, dos irmãos e da avó. A própria natureza que possui uma presença significativa nesse período de existência da personagem não tem um caráter sereno. Ela é retratada na maioria das vezes numa dinâmica de movimentos bruscos, de maneira pouco iluminada para a visão de uma criança. Quando Virgínia a observa ou interage com ela, as imagens descritas não revelam um olhar de apaziguamento, embora de certa forma essa seja uma maneira de escapar do ambiente taciturno em que vivia.

Não é possível saber com precisão a idade exata das fases da vida apresentadas no enredo, mas é possível deduzir que a sua saída de Brejo Alto tenha ocorrido ao final da adolescência. Entretanto, isso não interfere na percepção intensa da personagem criança, que possui um modo particular de enxergar as formas e os objetos presentes na narrativa. Essa visão infantil não acontece de modo forçado. Não se quer retratar o modo como a criança pensa o mundo, mas sim como ela o percebe, e nisso reside o espanto dos olhos iniciantes diante do que a existência proporciona.

Nas primeiras páginas da história sabemos que ela ria alto quando estava sozinha e também gostava de prestar atenção ao silêncio. Não existe a presença de animais de estimação no espaço da casa. E tão pouco de brinquedos ou livros. O ambiente rural propício a uma ligação mais afetiva

com os bichos não se realiza na narrativa. Esse lugar que teria todas as condições para proporcionar uma infância de alegrias é na verdade sinistro e opressor. Quando Virgínia não estava sob o domínio de Daniel, isolava-se para brincar com o barro às margens do rio, para “dar forma ao que existia e ao que não existia também”. É nesse instante que acontece a única menção à brincadeira de caráter infantil, quando a menina faz bonequinhos de argila:

Fazia crianças, cavalos, uma mãe com um filho, uma mãe sozinha, uma menina fazendo coisas de barro, um menino descansando, uma menina contente, uma menina vendo se ia chover, uma flor, um cometa de cauda salpicada de areia lavada e faiscante. (LISPECTOR, 1999, p.45)

Essa fuga de Virgínia para a brincadeira faz lembrar as considerações de Walter Benjamin em seu artigo “Velhos brinquedos” (BENJAMIM, 2002, p. 85) quando ele afirma que o ato de brincar significa sempre libertação. Isso permite que elas fiquem rodeadas por um mundo de gigantes. Para Benjamin, quando elas brincam, criam para si um pequeno mundo próprio; diferente do adulto que se vê atormentado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, e que liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada.

A experiência na narrativa clariciana tem uma particularidade de resistência que se filia ao protesto de T.W. Adorno a respeito da tecnificação moderna em “Entre sem bater”, quando o filósofo observa que:

Entre os culpados pela morte da experiência encontra-se a circunstância de que, segundo a lei de sua pura eficácia, as coisas assumem uma forma que restringe a lida com elas à mera manipulação, sem um excedente seja de liberdade de conduta seja de tolerância pela independência da coisa, que sobreviva como germe de experiência por não ter sido consumido pelo instante da ação (ADORNO, 2008, p. 36)

As características peculiares da narrativa moderna, no que se refere ao romance, permitem essa liberdade criativa com relação à utilização das potencialidades da linguagem, além da independência para a escolha da estrutura narrativa, como a disposição dos capítulos, o modo de construção do texto referente à sintaxe, o foco centralizado não mais na ação, mas na consciência do personagem.

O convívio da família é caracterizado sem felicidades, sem diversão. “Os dias na Granja Quieta respiravam largos e vazios como o casarão”. A moradia enorme e com poucos móveis tem um aspecto embaçado, revela um período passado de riqueza. O tempo presente narrado é corroído pela amargura causada pela perda do dinheiro e do prestígio social. A única quebra da rotina acontecia de vez em quando, com a visita opaca de uns tios. Esse momento é narrado numa atmosfera semelhante a do conto “Feliz aniversário” (LISPECTOR, 1998, p. 94), em que os parentes se reúnem sem um entusiasmo verdadeiro de celebração. No romance, a única coisa do ambiente familiar que merece destaque especial na visão da menina é o lustre, que recebe a seguinte caracterização no pensamento da menina:

A sala. A sala cheia de pontos neutros. O cheiro de casa vazia. Mas o lustre! Havia o lustre. A grande aranha escandescia. Olhava-o imóvel, inquieta, parecia pressentir uma vida terrível. Aquela existência de gelo. Uma vez! uma vez a um relance — o lustre se espargia em crisântemos e alegria. Outra vez — enquanto ela corria atravessando a sala — ela era uma casta semente. O lustre. Saía pulando sem olhar para trás. (LISPECTOR, 1999, p. 15)

Os nomes dos pais de Virgínia em nenhum momento são mencionados. Vamos ter referência somente de Daniel e Esmeralda, seus irmãos. Com o primeiro ela vai ter uma relação estranha de submissão e agressividade, e com a irmã, de distanciamento e indiferença. O pai não falava com Esmeralda, mas a mãe a protegia de sua indiferença e agressividade. É à irmã mais velha, que possivelmente foi abandonada ou forçada a se separar de um grande amor, que os carinhos e cuidados da mãe são direcionados, e mesmo assim de modo muito sutil. Tanto Daniel quanto Virgínia são negligenciados afetivamente pelos pais. Estes os alimentam, os mantêm na escola, tomam os cuidados necessários para prover as crianças, mas em nenhum momento é manifestado qualquer carinho para com os filhos. A figura da avó, que passa todo tempo em um quarto sendo cuidada pelos da casa e por uma empregada, também manifesta indiferença com relação às crianças. Apesar disso é interessante salientar que Virgínia é a que mais se aproxima dela, mesmo não recebendo a atenção esperada.

A postura dos mais velhos da casa se caracteriza então pela ausência de interesse com relação às crianças. Virgínia está condenada desde muito cedo à solidão, de maneira ainda mais dolorosa do que Joana, pois as brincadeiras tão presentes em **Perto do coração selvagem**, e que salvavam a personagem da sensação de isolamento, não se manifestam com mesma plenitude em **O lustre**. Ela é criança solitária no meio de uma família. Apesar da companhia freqüente de Daniel, não existe fraternidade entre os dois. O caráter de Virgínia possui um desalento que contrasta com a altivez de Joana. Entretanto, ambas caminham sem direção e desprezam um modo de viver baseado em relações de prestígio.

Existe um aspecto lúdico na narrativa, mas que se torna bem mais sombrio do que o apresentado em **Perto do coração selvagem**. A casa austera ganha um pouco de vida através dos olhos da criança que vê “o candeeiro aceso vacilando calmo”, “a escadaria dormente respirando”, “o ar rápido nos trincos lustrosos”, “a sala cheia de pontos neutros”. Essa menina vive sua vida num espaço onde a surpresa e a alegria do inesperado jamais acontece. A amargura dos adultos calcina a expectativa da criança. O único milagre era o movimento revelado das coisas, como está dito na própria narrativa.

Com relação a essas características podemos lembrar o artigo “O Lustre” de Gilda de Mello e Souza — publicado no **Estado de São Paulo** em 14 de julho de 1946, mesmo ano de edição do romance — no que se refere às potencialidades da linguagem tão bem exploradas pela jovem Clarice Lispector, e reveladas de forma intensa através de Virgínia. A filósofa observa que a linguagem é um processo lógico por excelência e que ela traduz o mundo em termos esquemáticos. A palavra despoja cada objeto particular de sua possível riqueza diferenciadora, reduzindo-o ao essencial, simplificando a natureza das coisas e estabelecendo desse modo uma espécie de ordem no mundo.

Para Gilda de Mello e Souza a estrutura narrativa de **O lustre** é exatamente o contrário disso. O que predomina é a complexidade e a contradição de cada objeto que se vê. Virgínia não procura uma unidade na natureza, e sim a desordem. Para isso a linguagem não é utilizada com o intuito de definir melhor as coisas, mas sim de tornar ainda mais rica a representação do mundo. Além desses elementos apontados pela crítica, as características essenciais à poesia, como a violação do sentido lógico da frase, a linguagem anímica e a anotação do excepcional também são enfatizadas como aspectos relevantes no romance. E isso pode ser aproximado ao pensamento cambiante da menina Virgínia:

Assim: quando a gente vê um vaga-lume a gente não pensa que ele apareceu, mas que desapareceu. (LISPECTOR, 1999, p.38)

Pensava música pequena e límpida que se alongava num só fio e enrolava-se clara, fluorescente e úmida, água em água, meditando um arpejo tolo. Pensava sensações intraduzíveis. (LISPECTOR, 1999, p.41)

Instante por instante! tremiam nela pensamentos de vidro e sol. (LISPECTOR, 1999, p.61)

Embora não haja referências à infância de Virgínia no ensaio, podemos associar essas considerações ao período vivido em Brejo Alto. Nele, a personagem supera a infelicidade de sua infância desnorteada através da percepção da natureza que estava ao seu redor. E que permitia a ela “olhar para árvores mais altas do que tudo e carregar na palma da mão um pouco do rio”.

E desde o momento em que ocorre a experiência perturbadora de ter visto, junto a seu irmão, o homem afogado, e ter se calado sobre esse fato, parece ter condenado a menina a jamais viver as coisas com tranquilidade. “A mão cerrada para sempre no galho da ponte” é o pesadelo real da infância que irá perdurar até a sua morte trágica, já anunciada, nas páginas iniciais do romance, pela figura da velha Cecília.

Como afirma Gilda de Mello e Souza a busca pelo sentido da vida e da perfeição do ser, assim como, os temas do desencontro, da incomunicabilidade entre os seres humanos e o desejo de superar o mundo do possível estão presentes em **O lustre**. E mais uma vez é válido salientar que esses aspectos podem ser percebidos desde o início do romance, quando a ênfase se dá em torno da família da personagem, e não somente na fase que expõe sua vida adulta.

É tocante quando Virgínia percebe pela primeira vez a passagem do tempo e o futuro que se estendia a sua frente:

Como era fatal ter vivido. Pela primeira vez envelhecera. Pela primeira vez tinha a consciência de um tempo atrás de si e a noção desassossegada de algo a não poder tocar jamais, de alguma coisa que já não lhe pertencia porque estava completa mas que ela ainda se prendia pela incapacidade de criar outra vida e um novo tempo. Toda a sua infância fora franzida pelo ar frio que doía no nariz com gélido ardor; via a si mesma como de longe, pequena, a forma escura na neblina já dourada de sol, abaixada olhando na terra algo que não podia mais precisar. (LISPECTOR, 1999, p.70)

Impedida de alcançar o que viveu no passado, Virgínia também é atormentada por não conseguir viver com tranquilidade o presente. Não encontra sentido para sua vida, não se realiza através dos amores vividos e não consegue se integrar na rede de relações sociais. Nessa trajetória negativa acaba revelando uma natureza imponderável que não teria outra alternativa a não ser o encontro precoce com a morte. Esse acontecimento provoca perplexidade não somente pela violência do inesperado, que finalmente ocorre, mas pela reação das pessoas em torno de seu cadáver.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. **Minima moralia**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

BENJAMIM, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, Ed.34. 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

—— **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

—— **O lustre.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem.** São Paulo: Ática, 1995.

REMATE DE MALES. Revista do Departamento de Teoria Literária, n.9. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1989.

iAutora

Mona Lisa BEZERRA TEIXEIRA, Profa. Dra.

tese pela Universidade de São Paulo (USP)

Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada

mona.lisabt@uol.com.br